

IDEAIS CULTURAIS ACERCA DA MATERNIDADE E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS SUBJETIVOS NA MULHER

CULTURAL IDEALS ABOUT MATERNITY AND ITS POSSIBLE SUBJECTIVE IMPACTS ON WOMEN

*Maira da Silva Gomes¹,
Ilvo Fernando Port²
Luis Alexandre Cerveira³.*

Recebido: 06/11/2021

Aceito: 10/02/2022

RESUMO

A maternidade, em nossa cultura, ainda é considerada uma condição importante para a plenitude e felicidade feminina. Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo principal demonstrar as mudanças sobre o conceito de maternidade no tempo, e os impactos do modelo atual de maternidade sobre a psique feminina. Para tanto, foi realizada uma pesquisa a partir de referenciais teóricos da Psicologia e da Psicanálise, bem como com contribuições da História e da Antropologia. Essa pesquisa se deu através de uma revisão de literatura. Com base nos resultados alcançados, desenvolveu-se três categorias intituladas "Recortes dos ideais culturais acerca da maternidade no período Medieval", "Ideais culturais acerca da maternidade do período Moderno ao Contemporâneo" e "Análise psicanalítica - Ideal de felicidade". A principal conclusão alcançada é a de que estes ideais, quando impostos, podem causar grandes impactos negativos na vida das mulheres, podendo interferir até mesmo na sua subjetividade e dificultar a construção do espaço psíquico para o filho.

Palavras-chave: Maternidade. Psicologia. Psicanálise. História. Antropologia.

ABSTRACT

Motherhood in our culture is still considered an important condition for female fullness and happiness. In this sense, the main objective of this study is to demonstrate the changes in the concept of motherhood over time, and the impacts of the current model of motherhood on the female psyche. For that, a research was carried out with Psychology and Psychoanalysis lenses, as well as the contributions of History and

¹ Acadêmica de Psicologia, da IENH. mairagomes0512@gmail.com

² Psicanalista, membro da Associação Clínica Freudiana, doutor em Educação pela UFRGS, professor do curso de Psicologia da IENH. ilvo.p@ienh.com.br

³ Doutor na Área de Ciências Humanas pela UNISINOS/UNIVERSIDAD SEVILLA - Espanha. Professor do curso de Psicologia da IENH. cerveira@ienh.com.br

Anthropology. This was done through a literature review analyzing. Based on the results, three categories were developed entitled "Cultural ideals about motherhood in the Medieval period", "Cultural ideals about motherhood from the Modern to Contemporary period" and "Psychoanalytical Analysis - Ideal of happiness". The main conclusion reached is that these ideals, when imposed, can cause great negative impacts on women's lives, even interfering with their subjectivity and hindering the construction of a psychic space for the child

Keywords: Maternity. Psychology. Psychoanalysis. History. Anthropology.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como temática a maternidade e a mulher desde uma construção histórico-cultural e os saberes da Psicologia e Psicanálise, para uma problematização deste assunto.

Ao longo dos tempos, a maternidade passou por mudanças em seu conceito social. Até o século XVIII, segundo Badinter (1985), o ser mãe estava relacionado somente a fatores biológicos. Ao final deste e início do século XIX, a maternidade passou a ter novas significações, pois começou-se a associar o alto índice de mortalidade infantil à falta de atenção e cuidados maternos. Neste período passou a ser imposto às mulheres o papel de ser mãe e de providenciar todos os cuidados que a criança precisasse. A partir da necessidade de aceitação por parte das mulheres deste novo formato de maternidade, começou a constituir-se o que a autora chama de mito do "instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho." (BADINTER, 1985, p.145). Ou seja, toda mulher-mãe neste período faria de tudo por sua prole, pois aquela, ao conhecer seus filhos, já os amaria.

Pode-se notar que na sociedade atual, na cultura ocidental, este mito⁴ de instinto materno, que por vezes parece sobrecarregar a mulher de ideais de maternidade, parece estar instaurado. A partir dessa visão, espera-se da mulher/mãe o exercício de uma maternidade perfeita, na qual a mesma deve sempre estar feliz e não podendo reclamar ou não deixar de saber de algo relacionado às necessidades do seu bebê. Segundo Iaconelli (2012), estes padrões de como se deve cuidar do bebê e da felicidade de ser mãe, são ensinados desde a infância para as mulheres, passando de geração para geração.

Winnicott (1999), em sua obra *Bebês e suas mães*, retrata de forma muito clara o papel materno estabelecido, ao defender a existência do instinto maternal presente nas mães e que este por sua vez, torna-as capaz de compreender melhor seu bebê:

[...] quando o bebê já está pronto para nascer, a mãe, se adequadamente assistida por seu companheiro, pela Previdência Social ou por ambos, está preparada para uma experiência na qual ela sabe, muitíssimo bem, quais são as necessidades do bebê. Vocês naturalmente entenderão que não estou apenas me referindo ao fato de ela ser capaz de saber se o bebê está ou não com fome, e todo este tipo de coisas; refiro-me às inúmeras coisas sutis, coisas que somente meu amigo poeta seria

⁴ Segundo Aurélio (2012, p. 510), por mito compreende-se uma "Narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração dentro de determinado grupo, e considerada verdadeira por ele."

capaz de expressar adequadamente em palavras. De minha parte, dou-me por satisfeito em usar o verbo segurar, e ampliar o seu significado para que possa abranger tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é e faz. (WINNICOTT, 1999, p. 4)

Neste trecho do texto, pode-se interpretar o verbo “segurar”, destacado pelo autor, como uma forma de reafirmar este conceito de instinto materno, pois dá a entender que toda mulher, ao ser mãe, torna-se capaz de saber de forma “muitíssimo bem” todas as necessidades de seu bebê e como supri-las da melhor maneira.

Entretanto, deve-se questionar se a maternidade é igual para todas as mulheres, pois parte-se da hipótese de que cada indivíduo é único. Nesse sentido, idealizar sobre a maneira como cada mãe deve reagir frente às necessidades de seus bebês pode gerar muito sofrimento psíquico para a mulher/mãe, quando esta não se sentir seguindo os padrões estabelecidos. Deste modo, tem-se a seguinte questão norteadora deste estudo: “como se dá a construção da maternidade na cultura ocidental contemporânea e quais os possíveis efeitos subjetivos de tal construção na mulher?”.

Na sequência da presente pesquisa, será apresentada a justificativa do trabalho, seguido pelo método e logo após as Discussões dos Resultados, ao qual este capítulo foi dividido em três subcapítulos, sendo eles "Recortes dos Ideais culturais acerca da maternidade no período Medieval", "Ideais culturais acerca da maternidade do período Moderno ao Contemporâneo" e "Análise Psicanalítica - Ideal de felicidade", terminando com as Considerações Finais e as referências bibliográficas utilizadas nesta monografia.

Vive-se em uma sociedade, ao qual em todo tempo, parece querer normatizar e padronizar a forma correta de pensar e agir. Porém, sabe-se que cada indivíduo é único em suas particularidades e singularidades, desta maneira, torna-se questionável constituir uma única forma de ser mãe e mulher.

Para Kropenicki e Perurena (2017), as crianças desde pequenas são ensinadas de diversas formas, por exemplo, através dos brinquedos e brincadeiras direcionadas de forma específica para meninos ou para meninas, a repetir determinado papel social, de acordo com sua cultura. Deste modo, as meninas desde a primeira infância, já são treinadas para serem boas mães e donas de casa, através das bonecas, dos objetos que constituem uma casa em miniatura e da simbolização que está subjacente a tais brinquedos..

Segundo Azevedo e Arrais (2006), em uma pesquisa epistemológica qualitativa, viu-se que um dos fatores possíveis para a indicação de depressão pós-parto, pode estar ligado a um conflito de sentimentos, pelo qual a puérpera pode passar. Estes conflitos podem estar relacionados com as pressões para que se dê uma maternidade perfeita, tais pressões podem levar a mãe a sentir-se angustiada, culpada e até mesmo fracassada por não conseguir atingir o esperado pela sociedade para o papel de mãe. Outro ponto a ser levado em consideração na sociedade atual, são as relações da maternidade com a vida profissional. Segundo pesquisa de Guiginski, J. e Wajnman, S. (2019), a incidência no mercado de trabalho de mulheres com filhos, principalmente crianças mais novas, é menor se comparado com homens na mesma condição. Além disso, as mulheres que tentam manter ou encontrar uma nova posição de trabalho, encontram muito mais dificuldades do que mulheres sem filhos. Neste sentido, pode

ocorrer a ambivalência de sentimentos trazida por Homem (2018), em que a mulher/mãe sente-se dividida entre focar-se em ter uma carreira profissional bem sucedida, ou mudar seus objetivos, em troca da possibilidade de ser mãe, pois ambas as escolhas podem demandar muito da mulher.

MÉTODO

Nesta pesquisa foi utilizada a revisão narrativa de literatura, também conhecida como estado da arte. Este método de pesquisa não tem procedimentos e critérios rígidos de busca e seleção do material a ser investigado, desta forma sendo possível uma maior participação da subjetividade do pesquisador na escolha daqueles. (ROTHER, 2007). A análise dos dados foi realizada a partir de uma leitura crítica dos materiais. Gil (2002), propõe quatro etapas de leitura, sendo a primeira delas exploratória, ao qual tem intuito de conhecer e verificar se o material é de relevância para a pesquisa que se está fazendo. Após, faz-se uma seleção mais superficial, a fim de escolher os materiais mais pertinentes ao assunto a ser abordado, sendo esta a segunda etapa da análise, a leitura seletiva. Apesar desta forma de leitura ser mais profunda que a exploratória, a mesma não é rígida, ou seja, permite que mesmo que um texto tenha sido descartado, este possa ser retomado em outro momento, devido às mudanças nos objetivos do pesquisador. (GIL, 2002).

A leitura analítica, ao qual compõe a terceira etapa, tem por finalidade ordenar as informações contidas nos materiais, a fim de obter respostas para o seu problema de pesquisa, tendo quatro passos norteadores para uma leitura adequada, sendo a leitura integral da obra ou texto selecionado, a identificação das ideias chaves, hierarquização das ideias e sintetização das ideias (GIL, 2002). A quarta e última etapa, é composta pela leitura interpretativa, sendo esta a mais complexa, ou seja, procura-se conferir significado mais amplo dos resultados obtidos na leitura anterior, relacionando-os com conhecimentos adquiridos em outras pesquisas e leituras (GIL, 2002).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados gerou três categorias intituladas “recortes dos ideais culturais acerca da maternidade no período medieval”, “ideais culturais acerca da maternidade do período moderno ao contemporâneo” e “análise psicanalítica - ideal de felicidade”.

RECORTES DOS IDEAIS CULTURAIS ACERCA DA MATERNIDADE NO PERÍODO MEDIEVAL

Na Idade Média, a visão da sociedade era moldada em grande medida através de constructos sociais baseados no catolicismo Segundo Iaconelli (2012), este período tornou-se um marco de misoginia, devido aos textos religiosos da época, ao qual descreviam a mulher como algo supostamente perigoso para o homem. Para Leal (2012), esta relação de submissão e inferiorização da mulher vem desde o início dos

tempos bíblicos. Isto porque, Eva nasceu após Deus perceber o homem muito solitário, com isso, fez a partir de uma costela de Adão a primeira mulher, a fim de que a mesma pudesse fazer companhia ao homem e partilhar do Jardim do Éden. Conforme Badinter (1985), a mulher recebeu este título de relação com o pecado, pois foi ela a responsável por aceitar o fruto proibido e oferecer este a Adão. Devido a esta atitude, a mulher foi colocada, aos olhos da igreja, como alguém “responsável pelo pecado, é a perda do homem.” (BADINTER, 1985, p. 33)

A partir deste constructo histórico, segundo Iaconelli (2012), a mulher passou a ser vista com olhar de desconfiança e assim, privilegiando o homem pelo simples fato de nascer do sexo masculino, isso lhe dava direitos e voz perante a sociedade. Para Leal (2012), o pecado da primeira mulher trouxe reflexos muito negativos na idade média, isso porque, todas as mulheres eram vistas como Eva, aquela que levou o homem a pecar. Com esta visão de pecado relacionada ao feminino, a igreja neste período, tinha como propósito “mantê-las puras e afastadas dos clérigos, pois, assim, os religiosos não cairiam em tentação.” (LEAL, 2012, p. 4). Ou seja, ao pregar um ideal de santidade, e que para ser uma mulher minimamente respeitada, precisavam seguir os mandamentos de castidade da igreja.

A própria figura de Maria, mãe de Jesus, segundo Iaconelli (2012), só começou a ser cultuada e vista com uma santa, devido a sua pureza ao tornar-se mãe. Maria por ser virgem, mesmo após o nascimento de seu filho Jesus, tornou-se um modelo pregado pela igreja, para ser seguido pelas mulheres. Isto porque, para Vazquez (2015), Maria representava a melhor forma de feminilidade e maternidade, pois era a mãe ideal, sendo “aquela que tudo suporta, que sofre calada, que se mantém casta mesmo depois do parto.” (VAZQUEZ, 2015, p. 105)

Esta ilustração de Maria, segundo Leal (2012), trazia um padrão elevado para as mulheres, assim a igreja pregava que as que desejassem ser parecidas com Maria, deveriam seguir o caminho de Cristo, casto, sendo entregues somente a Deus, tornando-se freiras. As mulheres que desejassem por uma família, deveriam ser puras até o casamento, isto segundo Iaconelli (2012), era uma forma de chegar mais próximo aos exemplos de Maria mãe de Jesus, visto o padrão de santidade e castidade era algo muito elevado para as demais mulheres pecadoras seguirem. Ao final deste período, iniciou-se a construção de um papel maternal, isso como uma maneira de amenizar a forma tão errônea e pecadora das mulheres. “A dedicação materna serve, dessa forma, para redimir a mulher medieval de sua tendência demoníaca.” (IACONELLI, 2012, p.38). Seguindo assim ainda a maternidade de Maria, sendo uma mãe zelosa e que preocupava-se com o presente e futuro de seus filhos.

Segundo Ariès (1981), a constituição e as relações familiares, no século XI, eram muito diferentes das conhecidas hoje, as próprias pinturas dos quadros da época, raramente, mostravam as crianças. Isso porque, segundo Gradwohl, Osis e Makuch (2014), naquele período os casamentos eram arranjados e as mulheres e crianças tinham pouco significado perante a sociedade. “Neste cenário, as mulheres e as crianças figuravam igualmente como pessoas de pouca importância, que se subordinavam ao marido/pai. Nenhum valor especial era atribuído à maternidade e tampouco aos bebês.” (GRADVOHL; OSIS; MAKUCH, 2014, p.56). No início deste

período, segundo Badinter (1985), a família era comandada pelo homem, ele era responsabilizado por todos os atos da família perante a sociedade, visto que tinha o poder paterno e autoridade marital.

Neste período, de acordo com Ariès (1981), as crianças saíam de casa muito cedo e iam morar na casa de estranhos, como uma forma de aprender os trabalhos domésticos e as tarefas que estas famílias desenvolviam, estes eram então chamados de aprendizes ou garçons. Do mesmo modo que os pais enviavam seus filhos para outras casas, os mesmos também recebiam outras crianças para ensinar. Na época existia até um manual de como ser um bom trabalhador. Normalmente, as famílias enviavam seus filhos para a casa de pessoas que desenvolviam a mesma profissão. Conforme Ariès (1981), era costume da época, que as famílias enviassem seus filhos para outras casas, a fim de que pudessem começar uma nova vida. As escolas, na época, eram poucas e as que tinham, muitas vezes, eram frequentadas somente por clérigos. Deste modo, a infância naquela época era quase que nula, assim como as relações maternas, pois as crianças desde muito pequenas, eram enviadas para serem ensinadas o caminho para ser um bom adulto.

IDEAIS CULTURAIS ACERCA DA MATERNIDADE DO PERÍODO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Período Moderno

Período Colonial

De acordo com Priore (2013), no período colonial, a maternidade tinha um papel muito importante, pois a mesma era sinônimo de que a mulher estava sendo abençoada por Deus, além de ser a materialização do papel esperado para ela na sociedade. Isto porque, a gestação de um bebê tornava a mulher de uma certa forma poderosa, pois somente ela poderia gerar uma criança e naquele período os filhos eram sinônimo de uma família abençoada.

Para as mulheres, a gravidez era um impressionante estado de poder. Se por um lado ela reproduzia a maldição lançada sobre Eva – dar à luz em sofrimento –, por outro, tornava-se, como mãe, sinônimo de abundância e riqueza. Ela dava os frutos da vida, fonte de uma linhagem, e ainda mais importante: a gravidez permitia romper com a dependência do homem, este excluído do processo de gestação. (PRIORE, 2013, p. 46)

Conforme a autora, neste período o discurso bíblico de dor no momento do parto, era devido a herança pecaminosa deixada por Eva. Quando esta etapa chegava, vinha junto o medo e a apreensão, isto devido às condições da época, visto que os partos eram realizados por parteiras e vizinhas, e muitas acabavam por morrer logo após o nascimento da criança. “O nascimento significava, desde a noite dos tempos, uma vitória contra a morte.” (PRIORE, 2013, p. 47)

Segundo Iaconelli (2012), as relações de família estavam seguindo por um novo rumo. De acordo com Gradwohl, Osis e Makuch (2014), a partir do século XVII, com as evoluções do capitalismo e as grandes mudanças trazidas por ele, deram início a uma adaptação da constituição dos papéis familiares.

Na época, as amas-de-leite eram responsáveis pela amamentação dos bebês, normalmente eram mulheres negras e muitas delas por sua vez eram escravizadas, claro que existiam algumas poucas mulheres livres que também realizavam esse trabalho, devido a necessidade e a pobreza na qual se encontravam, ambos os casos essas mulheres viviam em situações muito precárias. As amas eram muitas vezes “alugadas”, ou seja, as mulheres mais saudáveis e de escolha do contratante, no caso das escravizadas, eram solicitadas por um determinado tempo até amamentarem os filhos e filhas das elites econômicas, com isso seus prestadores recebiam o pagamento pelo tempo de empréstimo da escravizada. (CARNEIRO, 2006).

Neste período, a mortalidade infantil atingia números assombrosos, o que deixava os especialistas muito preocupados. Esta alta nos números associava-se às crianças pequenas ficarem sobre o cuidado de uma ama-de-leite e não terem atenção e o cuidado materno. Com isso, começou-se a mudar o olhar sobre a criança, pregando que a mesma era importante para sua nação, bem como, na juventude e idade adulta também pudessem servir como força de trabalho, mas para isso era necessário diminuir a mortalidade (IACONELLI, 2012).

Deste modo, devido a situações na qual as amas-de-leite eram sujeitadas e de todas as doenças que estavam associadas a estas, começou-se a pregar esta nova visão com foco, principalmente, na mudança na relação das mulheres, principalmente da elite, com a maternidade. No qual, se antes a responsabilidade pelos cuidados do bebê eram de amas, para as famílias mais abastadas começou-se a falar sobre o tão instintivo amor materno, que toda mãe deveria ter por seu bebê e o prazer de atender a todas as suas necessidades (BADINTER, 1985).

Segundo Vazquez (2015), este discurso médico sobre a maternidade, no final do século XVIII, também estava amplamente ligado ao início da biopolítica, pois neste período deu-se início ao pensamento sobre o corpo e suas capacidades. Com a ideia de que “as identidades e subjetividades que constituem os indivíduos, são formadas em virtude de ter passado por este processo de “sentir o peso” do corpo, ou seja, o processo de assumir um sexo-vinculado com uma identidade sexual.” (VAZQUEZ, 2015, p.104). Isto é, a feminilidade e a maternidade como algo inerente ao corpo da mulher.

Para Vazquez (2015), “sentir o peso do corpo”, para o período, era saber suas obrigações sociais, ou seja, tudo aquilo que lhe era proposto de acordo com seu gênero. Deste modo, para estar dentro dos padrões estabelecidos para o corpo feminino, torna-se mãe era algo esperado (biológico) e no qual, estava-se relacionando ao ideal de felicidade, sendo este pensamento exclusivo. Ao pensar assim “Se materializa sobre o corpo feminino o peso de seu gênero, o peso de seu útero” (VAZQUEZ, 2015, p. 105).

De acordo com Moura e Araújo (2004), a educação que antes era algo realizado em casa, através das aprendizagens com outras famílias, precisou ser repensada. Deste

modo, a escola que antes quase não existia, deu lugar a um movimento para escolarização da infância como algo de grande importância.

Período Republicano

O período republicano tem como um dos grandes marcos o final da escravidão e início da mulher no mercado de trabalho. Segundo Gil (2018), no século XIX, as mulheres ajudavam no sustento da casa, muitas faziam isso sendo amas de leite, como já acontecia no período da escravidão. Como as mulheres estavam no mercado de trabalho, algumas acabavam por contratar amas, por valores mais baixos, para alimentarem seus filhos enquanto estavam na fábrica.

Contudo, como uma forma de registrar esse trabalho e que as condições fossem um pouco melhores que a da escravidão, agências de emprego registradas davam o suporte e uma certa garantia de que os patrões respeitariam os termos do acordo desta classe. Dentre as normativas da função, a empregada deveria seguir as ordens de seus respectivos patrões e os mesmos também deviam prestar toda a assistência médica que esta mulher precisasse, essas normativas também serviam para as mulheres contratadas como amas de leite. (GIL, 2018)

Segundo Gil (2018), da escravidão para os tempos da república, as formas de olhar para uma ama de leite e uma empregada doméstica, pouco se mudou, pois sendo a autora, os registros da época, como os jornais, anunciavam o aluguel dessa força de trabalho. O que difere nestes dois períodos é que a mulher escravizada, antes era alugada por seu “dono”, agora era ela mesmo ou seu marido que recebia pelo trabalho, mas mesmo mudando o senhorio, os empregadores ainda, em muitos registros, mostravam que tinham o sentimento de posse por aquela que contrataram. Na época, as indústrias tentaram implementar as farinhas lácteas e o próprio leite de vaca para a alimentação dos bebês, com o intuito de diminuir o trabalho tão precário das amas de leite e claro, lucrar com aquela mercadoria. No entanto, o saber médico da época continuava por denominar como o melhor leite para o crescimento saudável do bebê era o materno. (GIL, 2018)

Ainda no século XIX, segundo Freire (2008), a maternidade seguiu novos rumos, antes o que era somente uma obrigação biológica para a mulher, tornou-se algo maior, servir seu país. “Tratava-se não mais de garantir filhos ao marido, mas sim cidadãos à Pátria.” (FREIRE, 2008, p. 154). Esta nova concepção ganhou força no século XX, devido a nova era modernista que estava sendo implementada, na época uma das principais bandeiras do movimento era a sanitização, que ocorreu entre 1920 e 1930. No final do século XIX e início do século XX, de acordo com Priore (2013), com a revolução que estava ocorrendo, a gestação e o parto começaram a ser acompanhadas por médicos, diferentemente do que era antes, isto visando diminuir o número de óbitos materno e infantil. Como neste período grande parte das mulheres trabalhavam em indústrias, iniciou-se um projeto para que as mesmas fizessem a amamentação dos filhos até os seis meses, as que seguiam as orientações eram bonificadas

Devido a isto, segundo Priore (2013), a indicação dos cuidados maternos ganhou ainda mais força. De acordo com Freire (2008), A França foi uma das pioneiras neste

aspecto, sendo que as próprias leis e políticas estavam valorizando a maternidade, ou seja, criar melhores condições de vida para que a mulher pudesse conciliar suas atividades e a dedicação aos filhos. “As políticas públicas que objetivavam conciliar as funções de mãe, trabalhadora e dona-de-casa receberam, de modo geral, o apoio de feministas, que defendiam o reconhecimento da maternidade como função social digna de remuneração” (FREIRE, 2008, p. 155).

Logo, para Priore (2013), as feministas tiveram um papel de grande importância no acompanhamento das mudanças da visão sobre a mulher e a maternidade. Os próprios métodos anticoncepcionais começaram a ser implantados ao final do século XX, isto porque defendiam que a natalidade deveria ser algo desejado, no entanto, neste período este assunto ainda era muito criticado.

Período Contemporâneo

Nos dias atuais, a maternidade é vista de diferentes formas, isso porque a cultura, a classe social de uma pessoa, podem interferir muito na forma como uma mulher se vê e em seus desejos de tornar-se ou não mãe. Maluf e Kahhale (2010), realizam uma pesquisa com mulheres em idades férteis e que ocupavam altas posições nas empresas onde trabalhavam, a fim de compreender a maternidade e a vida profissional. Neste estudo a autora identificou que as mulheres contemporâneas entrevistadas, têm o desejo muito vivo pela maternidade. Para estas, a maternidade é muito desejada, porém deve ser muito bem planejada.

Pela fala, elas não comprovam adiar a maternidade para buscar uma realização profissional, mas elas integram planejamento para ter filhos, o que também pode ser visto como um tipo de adiamento... Elas mostram que não lidam com o filho como um objeto, mas sim com alguém que precisa ser integrado para ter suas potencialidades e capacidades desenvolvidas. E para isso, são necessárias condições objetivas, entre elas a financeira, a afetiva e o acolhimento. (MALUF; KAHHALE, 2010, p.176)

Nesta pesquisa, as autoras Maluf e Kahhale (2010), demonstram o quão importante para essas mulheres é a questão de uma independência financeira para a maternidade. Pois para elas, não é a realização em sua profissão que as move, mas sim uma estabilidade para a constituição de uma família com filhos.

Para Moreira e Nardi (2009), em sua pesquisa realizada com 14 mulheres, confirma novamente que, a relação financeira impacta muito no desejo e no número de filhos que uma mulher deseja ter. Ao longo da pesquisa, se fala da diferença do pensamento da maternidade anos atrás, em que as famílias viviam da agricultura, pois a quantidade de filhos simbolizava mais produção e plantio. Neste período as crianças auxiliavam os pais nas lavouras, serviços domésticos e nos afazeres do campo em geral. Hoje, as famílias urbanas dependem unicamente do salário que recebem para sustentar a casa, deste modo, o número de filhos impacta diretamente na condição de criação de cada criança, ou seja, mais filhos significa que aquele valor recebido precisa ser dividido por um número maior de pessoas.

De acordo com Priore (2013), a maternidade pode ser vista de diferentes modos, sendo esta desejada ou não pela mulher. Para a autora, além dos mais diversos sentimentos a favor da natalidade, existem também movimentos que possibilitam que a mulher tenha direito a outras escolhas, como por exemplo, não ter filhos e focar-se em si e em suas realizações, sejam estas quais forem.

Porém, nossa época tem, também, uma visão antinatalista – pode-se recusar toda a descendência em nome da realização de si mesmo. Foi assim que a ideologia “no kid” (sem filhos) tornou-se militante, notadamente na Alemanha. Na era do individualismo, filhos podem significar um triplo obstáculo: à libertação da mulher, a uma vida de casal plena e à realização pessoal. (PRIORE, 2013, p. 45)

Segundo Priore (2013), com as constantes evoluções da ciência, possibilitaram para as mulheres a maternidade até mesmo em períodos mais tardios da vida, sendo um exemplo a fertilização “in vitro”, na qual possibilita que a mulher consiga fazer a tentativa de uma gestação. Em contrapartida, as que optam por não serem mães, existem os mais diversos métodos contraceptivos, que abrem para esta escolha. O que antes era inerente ao desejo da mulher, seja este de ter ou não filhos, ou mesmo o momento da vida que gostariam, com as inovações esta escolha tornou-se possível. Não se pode esquecer que as diferentes formas de olhar a maternidade estão inteiramente ligadas ao contexto social e cultural no qual a mulher está inserida. Se pensar na realidade de uma mulher negra de periferia, o ideal dela de maternidade pode ser totalmente o oposto de uma mulher com condições financeiras elevadas. Claro que isto não é uma regra, porém as condições no qual ambas estão inseridas pode ter grande impacto nesta visão.

ANÁLISE PSICANALÍTICA - IDEAL DE FELICIDADE

Afinal, o que querem as mulheres? Muitas e diversas coisas, certamente, mas quando damos ouvidos às suas queixas, como fez Freud com suas histéricas, descobrimos que, antes de tudo, elas querem liberdade e condições que lhes permitam desejar sem precisar pagar o alto preço da culpa. (NUNES, 2011, p. 114)

Ao falar sobre os ideais de felicidade para a mulher, logo associa-se este a maternidade, sendo esta uma visão de parte da sociedade. Para autores como Nunes (2011), Marcos (2017), Calligaris e Homem (2019), isto acontece porque, acredita-se que a mulher só conseguirá alcançar sua plenitude com a maternagem. Ao ser considerada a maternidade como sinônimo de realização e felicidade plena para as mulheres, é fundamental considerar que os possíveis ideais de vida das mulheres se alteram de acordo com as condições da cultura e de acordo com a singularidade de cada uma. Isto porque, tornar-se mãe significa várias mudanças na vida da mulher,

não somente físicas, mas também psicológicas, que podem iniciar, até mesmo, desde antes da gestação.

Em relação às alterações psicológicas, não é somente a sensação de felicidade que uma mulher gestante pode experimentar, pois pode haver uma diversidade de sensações, entre elas, a de que “a criança pode ser vivida como um corpo estranho e parasita, que ameaça e inquieta, ou mesmo, que devora”. (MARCOS, 2017, p. 250). Esta sensação pode causar infelicidade e desejos adversos pela gestação, pois, ela não está sentindo a felicidade esperada para aquele momento, pelo contrário, tem um sentimento de estar sendo invadida, o que pode lhe gerar uma vontade contrária à maternagem e isso pode lhe causar certa angústia por não estar vivenciando a maternidade perfeita, cobrada pelos ideais culturais de felicidade total, ainda existentes.

Maria Homem, em um vídeo publicado pela Casa do Saber⁵ em 2017, ao qual tem por título “O mito do amor parental”, traz muitas reflexões acerca da maternidade. Para ela, a sociedade sempre fez diversos tipos de idealizações, baseadas nos padrões morais de cada época, em relação às diversas questões relativas ao agir humano nos diferentes contextos de sua vida. Entre tais idealizações, encontram-se as relativas à maternidade. Nestas, a noção de “amor incondicional” se refere à ideia de um elo fundamental que a mãe deve ter por seu bebê.

Ainda segundo Homem (2017), em uma perspectiva dos dias atuais, é possível ver que as falas envolvendo a maternidade evoluíram, pois no século XVIII, a prerrogativa era somente de um amor incondicional pela criança, hoje já se sabe que o amor materno é construído e não inato como se falava. Porém, apesar de ser um assunto que atualmente já é discutido, ainda parece muito delicado para uma boa parte da sociedade, e por isso, muitas vezes, é tratado com certa cautela. Outro ponto discutido pela autora, é referente ao desejo ou não pela maternidade: o que antes era visto muito como um tabu, hoje já se tem avanços nesta área, inclusive com movimentos que discutem sobre esse desejo de não passar por este processo de tornar-se mãe. Segundo Lacan (1999 [1958]), o desejo humano é originado através de uma “alienação do significante”, ou seja, o indivíduo se identifica com algo que lhe é imposto culturalmente como sendo bom e o mesmo acaba por almejar e se deleitar com aquilo. A partir destas construções, Nunes (2011), propõem que a psicanálise considera o desejo como algo construído através das vivências e experiências de cada pessoa, podendo ser diferente para cada um, pois não é algo biológico.

No entanto, este desejo ou não pela maternidade nos dias atuais, traz um grande peso de escolha para a mulher. Segundo Marcos (2017), décadas atrás gerar um filho era considerado natural e biológico, de forma que toda mulher que tivesse relações sexuais e fosse saudável, passava pela gestação e maternidade, sem a opção de escolha - ser ou não ser mãe. Com a evolução da ciência e dos métodos contraceptivos, a mulher ganhou poder de escolha sobre seu corpo, contudo, essa opção dada, veio acompanhada de muitos julgamentos sociais. Devido a uma parte considerável da sociedade, não se compreende e nem se aceita que a maternidade é

⁵ “A Casa do Saber é um ambiente de debates e disseminação do conhecimento que oferece o contato com a cultura produzida pela humanidade de forma acessível e fiel às obras e seus criadores.” (Casa do Saber, disponível em: <https://casadosaber.com.br/home/>. Acesso em 21/04/2021).

uma decisão muito pessoal de cada mulher e de cada contexto ao qual ela está inserida. E que sim, ela pode optar por ter uma família sem ser mãe, mesmo ela sendo saudável e não tendo nenhum fator biológico que lhe impeça.

A evolução dos métodos anticoncepcionais, possibilitaram que as mulheres pudessem então fazer esta escolha sobre a maternidade, pois apesar de essa possibilidade de escolha ainda ser muito criticada, tornar-se mãe como uma forma de alcançar um ideal de felicidade, não é a realidade e nem o desejo de todas as mulheres. Para Calligaris e Homem (2019), isso acontece, pois ainda se tem o pensamento de que o corpo da mulher foi criado para a procriação, então ao decidir pela não maternagem, é como se ela estivesse negando alcançar todo potencial disponível em seu corpo.

Para Homem (2017), a entrada na maternidade, pode ainda simbolizar uma perda, ou seja, perder a identidade da pessoa que a mulher era antes de ter filhos. Isso pode ocorrer devido à ambivalência de sentimentos que atravessam a mulher nesse período, pois ainda existe uma grande fantasia sobre a maternidade. Apesar dos avanços, está é ainda muito romantizada, dando assim, expectativas de uma realidade não existente, de uma plenitude de amor incondicional.

Segundo Calligaris e Homem (2019), o feminino e seu ideal de felicidade tem passado por grandes mudanças de perspectivas nos dias atuais, porém apesar disso, ainda é possível ver o quão difícil para algumas mulheres é a decisão pela maternidade, pois esta escolha está ligada a algo que poderá modificar toda a sua vida. Caso a mulher seja ativa profissionalmente, esta escolha está relacionada diretamente ao futuro de sua carreira profissional, mesmo que após o nascimento do bebê ela não venha a se dedicar integralmente a ele nos primeiros anos de sua vida. A decisão de ter filhos, por si só, engloba medos e culpabilização, isso porque se escolher ficar com o bebê em casa, parar de trabalhar, pode ficar com o sentimento de perda profissional e se questionar no futuro como seria se tivesse feito outra escolha. Em contrapartida, manter a rotina de trabalho, por vezes implica em ter que deixar o filho(a) em uma creche, com outra pessoa. O que pode gerar uma culpa de não estar presente em todos momentos marcantes para o bebê e isso faz com que a mulher tente de todas as formas suprir essa falta, dando todos os objetos possíveis, com a intenção de amenizar esse sentimento.

Além disso, a carga social sobre a mulher torna-se ainda muito maior, devido ao ideal social contemporâneo de que a mesma precisa além de ser bem sucedida profissionalmente, ser uma boa mãe e esposa, amar incondicionalmente seu bebê, seguir os padrões de beleza impostos e dar conta de todas as atividades domésticas. "Esse ideal plasma a imagem do que se convencionou chamar de 'mulher contemporânea' ". (NUNES, 2011, p. 114). Este novo paradigma exaltou novamente um ideal de feminilidade, ligando este novamente à maternidade, colocando sobre as mulheres um padrão muito elevado e único de ideal, retornando novamente para estigmas que já haviam sido, de certa forma, desfeitos.

Para Calligaris e Homem (2019), quando a maternidade torna-se realidade, ainda se tem a ideia de que durante a gestação e depois do nascimento, a mulher para de ter desejos sexuais, e volta todos os seus olhares e desejos sobre sua prole. Para os autores, este pensamento pode estar relacionado ao grande número de divórcios após o nascimento dos filhos. A ideia de que a mulher para de sentir desejos sexuais, o que

sabe-se que não é verdade, pois é apenas um construto social, baseado em um modelo de maternagem puro, assim como o de Maria mãe que de Jesus, que, segundo a tradição cristã, gerou um bebê mesmo sendo virgem.

Para Ribeiro (2000), o cristianismo mostra dois modelos de mulheres que representam o feminino, Eva e Maria. Maria como um modelo de perfeição, tanto de mulher quanto de maternidade, devido à história de devoção contada na bíblia, sendo este modelo inatingível para outras mulheres, pois mesmo após o nascimento de Jesus, a mesma continuou virgem, imaculada. E Eva, que de forma indireta, representa todas as mulheres, por ser perfil pecaminoso, desobediente e imperfeito.

Nos dias atuais ainda é possível ver este julgamento e esse tabu da sexualidade feminina, pois segundo Calligaris e Homem (2019), se uma mulher ousar deixar transparecer seu lado pulsional, sua potência e seus desejos é julgada perante a sociedade, tanto por homens quanto pelas próprias mulheres. Ou seja, o gozo feminino assim como seus desejos sexuais, são muitas vezes reprimidos, pois segundo os padrões vivenciados, não é de bom tom, elegante e feminino que uma mulher assuma e fale sobre sua sexualidade.

Este mito de amor e necessidade pela maternidade está tão presente na cultura ocidental e ao mesmo tempo é um assunto de grande tabu, isto porque ele é pouco discutido. Devido a esse pouco debate sobre os possíveis efeitos desses excessos de ideais culturais de amor materno projetado nas mulheres, pode-se perguntar se a impossibilidade, por parte destas, de expressarem o sofrimento e os preços pagos por se tornarem mãe poderiam vir a serem recalçados, e posteriormente retornar de forma inconsciente, como sintomas, por exemplo, casos de maus tratos e por vezes, negligência, por parte da própria mãe. Poderíamos nos perguntar, inclusive, se tal retorno do recalçado, em contextos onde já há toda uma história anterior que predisponha a produção de diferentes formas de sofrimento psíquico e violência, potencializar a ocorrência de atos ainda mais sombrios, como a morte de uma criança. Um exemplo disto, para Vivacqua (2021), é o caso Henry⁶, o qual foi muito comentado nas mídias sociais nos últimos tempos, isto porque, ao que indicam as investigações, o padrasto é denominado como o então agressor do menino e a mãe por sua vez, mesmo sabendo das agressões, omitiu-se em prestar uma proteção que seu “instinto materno”, idealmente deveria lhe ordenar, o que acabou por gerar a morte do menino. A partir dessa narrativa, Vivacqua (2021), em uma reportagem, questionou muito sobre esse status de amor maternal, e o que isto pode gerar, por ser este o único discurso permitido pela sociedade, o que lhe torna muito empobrecido no Brasil.

Segundo Calligaris e Homem (2019), a constituição de uma família é o que se espera do casal, principalmente da mulher, sendo esta talvez, uma das maiores formas de recalçamento, isto porque, a sociedade coloca em cima do feminino a expectativa de maternidade e a necessidade da mesma. No entanto, a gravidez, puerpério e a infância são romantizados e acaba-se por omitir que neste processo estão incluídas as noites mal dormidas, adiamento de projetos e da vida profissional, mudanças no

⁶ Henry: Menino de 4 anos, ao qual chegou ao hospital sem vida. O mesmo morava com a mãe e o padrasto, então suspeito do crime. A notícia do caso repercutiu o país todo, sendo um dos motivos o padrasto ser um vereador e médico e a mãe saber das agressões sofridas pelo filho anteriormente. (REDAÇÃO O POVO, 2021)

que tange as realizações sexuais, o custo de um filho(a), entre tantos outros aspectos que estão relacionados a isso. Porém, com todos os ideais de amor materno projetados sobre a mulher, podem ficar inviabilizadas para ela as condições de expressar a agressividade que ela vier a sentir por seu filho, devido a tudo que a mulher enfrenta neste período, podendo produzir-se então uma potencialização do recalco de tal agressividade, e seu posterior retorno em forma de sintomas, como a depressão ou, em casos mais exacerbados e que já possuem outras histórias anteriores mal resolvidas, podem levar a própria violência contra o bebê. Esta idealização imposta sobre a mulher, pode interferir até mesmo na sua subjetividade de forma a impedir que ela possa elaborar seus possíveis conflitos em relação à maternidade, e assim impedir haja a construção de um espaço psíquico para exercer a maternidade.

No caso Henry e em tantos outros que os noticiários já mostraram, pode-se pensar na hipótese e questionar se a “omissão” de algumas genitoras, não está relacionado justamente a este estopim que pode significar o excesso de expectativas e ideais lançadas sobre as mulheres. Neste caso em particular, ao não se envolver e ao deixar acontecer esta violência, que é praticada por este outro, no caso o padrasto, talvez os sentimentos e desejos agressivos por parte da mãe, que podiam ou não ser inconscientes, são colocados em ato, mesmo que não sendo por ela própria, pois ela acaba por “não sujar as mãos”, podendo ser assim uma forma de retorno do recalcado que não pode ser assumido nem colocado em palavras. Quem sabe, talvez tal ato violento poderia ser evitado se aquela mãe tivesse encontrado alguém que a ajudasse a reconhecer sua agressividade, fazê-la domesticar pela passagem à palavra?

Cabe lembrar, que a ideia não é fazer uma relação direta com os casos de violência extrema, que por vezes acontece de uma mãe com seu filho, mas sim, que ela pode servir para potencializar a violência, que pode se dar em função de outros fatores, “os quais podem estar relacionados às complexidades de cada contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo principal apresentar uma pesquisa de revisão da literatura, no qual buscou mostrar, por diferentes perspectivas, formas de olhar e ideais impostos sobre as mulheres e a maternidade.

Concluimos que a imposição do amor incondicional das mães por seus filhos pode gerar efeitos na subjetividade da mulher, pois tal amor incondicional não, necessariamente, acontece de forma direta. Ainda, quando a mulher não pode nomear e por isso acaba recalco possíveis sentimentos diferentes do amor que se vê obrigada pelos ideais da cultura a ter pela gestação e por seu filho, tais sentimentos recalco podem retornar de diferentes formas, como a depressão pós-parto ou diferentes formas de agressividade. Esse retorno do recalcado pode potencializar conflitos já existentes e levar a casos mais extremos até mesmo de violência, no qual esta situação está ligada não somente à situação da maternidade em si, mas com as complexidades ligadas à cada história, de singularidade, de cada mulher ou mãe.

A literatura pesquisada tentou mostrar os diferentes sentimentos que a maternidade pode causar na mulher, seja este de amor e ternura ou uma certa aversão, muitas

vezes, recalcada. E deste modo, trazer para a Psicologia, mas não somente para ela, a importância de um olhar empático sobre a mulher, suas escolhas e o que estas decisões podem lhe fazer sentir e causar.

Por fim, é importante salientar que esta pesquisa mostra apenas um recorte de toda uma gama de complexidades subjetivas que a maternidade pode suscitar na mulher. Bem como, os dados apresentados, indicam uma pequena parte da amplitude da literatura e descritivos sobre o assunto. Devido às limitações do momento, não foi possível explorar mais a fundo este campo, e nem pesquisas como a maternidade e as novas configurações familiares, sendo este um indicativo para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1981.

AZEVEDO, Kátia Rosa; ARRAIS, Alessandra da Rocha. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2006, 19.2: 269-276.

AURÉLIO, Mini: **o dicionário da língua portuguesa** - 8ª edição. Curitiba: Positivo, 2010.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CALLIGARIS, Contardo; HOMEM, Maria. **Coisa de Menina? Uma Conversa sobre Gênero, Sexualidade, Maternidade e Feminismo**. Papirus 7 Mares, 2019.

CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro. **Procura-se "preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa": uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888)**. 2006.

CASA DO SABER. **Mito do amor parental**. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAlsO1hHCWE>. Acesso em 03 de abril 2021

CASA DO SABER. **O prazer de pensar e aprender**. Disponível em: <https://casadosaber.com.br/home/>. Acesso em 21 de abril de 2021.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920**. História, ciências, saúde-Manguinhos, v. 15, p. 153-171, 2008.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Caroline Amorim. **O Trabalho de Ama de Leite no Brasil Republicano: A Amamentação como Questão de Saúde e como Serviço Doméstico**. Rio de Janeiro, 2018.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando famílias**, v. 18, n. 1, p. 55-62, 2014.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.36, 2019.

HOMEM, Maria Lúcia. **Estar só, Clarice, Amor Parental e Feminismo**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=77GsYqEgv68>. Acesso em: 31 de agosto de 2020.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2012. 129 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

KROPENISCKI, Fernanda Battagli; PERURENA, Fátima Cristina Vieira. Relações de gênero em catálogos de brinquedos: (contra) indicações para o brincar. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 141, p. 965-981, 2017.

LACAN, Jacques (1958). **O Seminário, As formações do Inconsciente (1957-1958)**. Livro 5 PDF. P. 261-279. O desejo e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As várias faces da mulher no medievo. **WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**, v. 3, n. 3, p. 23-44, 2012.

MALUF, Vera Maria Daher; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea. **Polêm! ca**, v. 9, n. 3, p. 170-180, 2010.

MARCOS, Cristina Moreira. O desejo de ter um filho e a mulher hoje. **Trivium-Estudos Interdisciplinares**, v. 9, n. 2, p. 246-256, 2017.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade (s) contemporânea (s). **Revista Estudos Feministas**, v. 17, p. 569-594, 2009.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÚJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, p. 44-55, 2004.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011.

PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulher**. 1ª edição. Livro em PDF. São Paulo: Planeta, 2013.

RIBEIRO, Silvana Mota. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo**. 2000.

REDAÇÃO O POVO. **Caso Henry: o que se sabe até agora sobre a morte do menino de 4 anos**. <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2021/04/12/caso-henry-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-a-morte-do-menino-de-4-anos.html#:~:text=Garoto%20Henry%20Borel%2C%20de%204,pelo%20padrasto%2C%20o%20vereador%20Dr.&text=Jairinho%2C%20foi%20preso%20acusado%20da,no%20dia%208%20de%20abril>. Acesso em: 01 de agosto de 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

VAZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Sobre os Modos de Produzir as Mães: notas sobre a normatização da maternidade. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 7, n. 1, p. 103-112, 2015.

VIVACQUA, Sara. **O assassinato de Henry Borel e o mito do amor materno**. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-assassinato-de-henry-borel-e-o-mito-do-amor-materno-por-sara-vivacqua/>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

WINNICOTT, Donald W. **Bebês e suas mães**. 2ª edição. Livro em PDF: p. 01 - 12, A Mãe Dedicada Comum. São Paulo: Martins Fontes, 1999.